

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FILOSOFIA

OS DIFERENTES PROCESSOS DE “PRÁXIS UNIVERSITÁRIA” DESENVOLVIDOS ÀS LUZES DO IDEÁRIO DO AMBIENTALISMO POLÍTICO

André Gorz, Ivan Illich, Herbert Marcuse, Edgard Morin, David Bell, J.P. Proudhon, L. V. Vieira, B. Constant, John Rawls, Henrique Leff, Paulo Kriskie, Lawrence Kohlberg; Henry Acselrad; Aron Reymond, A. Tocqueville, H. Arendt, H. Bey, N Bobbio.

¹Agripa Faria Alexandre(orientador); ²Filipe M. Machado (IC – UNIRIO)

1 - Departamento de Filosofia; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

2 - Instituto de Biociência; Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: IC – UNIRIO.

Palavras Chave: Cultura Política da Sustentabilidade; Rebelia Estudantil; Práxis Universitária.

INTRODUÇÃO

Em nossa primeira pesquisa procuramos entender a dinâmica da cultura política e como esta poderia se tornar sustentável, adotando definições e conceitos. Com isso construímos uma base de conteúdos sobre dinâmica cultural, cultura política, rebeldia e meio ambiente. Isso nos apontou a necessidade de entender melhor a trajetória político-cultural, a complexidade ambiental e a construção de discursos pelas diferentes instituições. Acompanhamos alguns desdobramentos da Rio+20, ações ambientalistas de organizações sociais e manifestações em 2013 e 2014.

Partindo da hipótese de que o ambientalismo político promove conhecimentos, valores e princípios que são distintamente assimilados, manipulados ou problematizados dependendo das instituições que os suportam; Como as instituições definidas por Illich (1985) apresentam essas formas de transmissão de ideias?

OBJETIVO

Estudar a evolução e as transformações dos processos de Práxis Universitária, e a construção de diferentes discursos sociais, sob as luzes do Ambientalismo Político à procura de respostas frente às crises humanas e socioambientais.

METODOLOGIA

Através do material teórico fomos aprofundando os temas centrais do projeto. Leitura dos textos e livros de diversos autores nos ajudou a compreender, sintetizar e relacionar os objetivos do projeto. Após a leitura, observações são apresentadas, discutidas e por vezes mediadas pelo orientador com contribuições em relação aos conceitos estudados. Esse processo que estimula a pesquisa com a troca de aprendizados. Assim como o acompanhamento da disciplina de ecologia política e pesquisa dos seus conteúdos, bem como iniciativas que busquem respostas para uma sociedade “eco-lógica”. O aspecto diferencial da pesquisa consiste em alimentar um banco de informações sobre manifestações culturais, em especial aquelas voltadas para a desobediência civil de modo a fomentar a promoção de uma cultura da paz e da não-violência ativa como sendo um modo eficaz de transformação histórica em direção à sustentabilidade.

RESULTADOS

Um dos aspectos que condena a perspectiva de uma sociedade sustentável refere-se à ousadia visando à descolonização do imaginário na vida cotidiana. (HABERMAS, 1989).

Para Ivan Illich alguns Estados e instituições definem suas ações com relação ao meio ambiente de forma funcional e técnica, tendo em vista uma produtividade ou eficiência de maneira “manipulativa”, hierarquizada e “centralizada”. Os discursos elaborados por estes grupos estão aliados a interesses escusos de preservação conveniente ou modificações planejadas de comportamentos sociais. Isso leva a um tipo de progresso quantitativo. Outros estados e instituições localizados numa região diametralmente oposta podem ser entendidos sob uma conduta “convivial”, onde os discursos são elaborados de forma flexível e a relação com o meio ambiente assume uma condição de parceria, sensibilidade e cooperação mútua. O que acarreta em progresso qualitativo.

O percurso de um extremo ao outro no eixo manipulação x convivialidade apresenta uma infinidade de possibilidades.

Sob a perspectiva da política linguística observada em David Bell, “os diferentes discursos disputam territórios e reivindicam direitos no campo da cultura política”. A construção de discursos é um dos objetos de nossa investigação, que passa pela ótica ambiental.

Iniciamos nossa pesquisa com a leitura de textos clássicos visando compreender as origens do ideário político. Em Aristóteles vimos descrições detalhadas e uma série de premissas para a compreensão da cultura política, que passa pela constituição da ciência política, da família completa, da cidade, do cidadão perfeito e imperfeito, do soberano, da vida perfeita, da educação do jovem; Quanto a esta última é interessante perceber que há algumas condutas que não convêm a homens livres. Expressa aí uma divisão entre atividades físicas indignas e intelectuais virtuosas. “Ao jovem que nascia era planejada alimentação forte e rica em leite, até os cinco anos era livre dos estudos e do trabalho, os contos de fadas que ouviam nessa idade eram objeto de vigilância dos magistrados. Todos os jogos a que submetido eram simulações das funções que teriam de assumir com o tempo, construindo um indivíduo ao conformar sua vida às necessidades do estado.” Nos apresenta uma série de conceitos e estratégias que influenciam a cultura ocidental até os dias atuais na sua relação com o espaço e o acesso aos bens naturais. As teorias aristotélicas, assim como as de alguns poucos filósofos gregos, foram disseminadas no ocidente pela própria igreja, eram permitidas, em parte, nos tempos de domínio da religião pois

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

embasavam a lógica religiosa. Contraditoriamente essa mesma lógica também foi fundamental para a ruptura científica no iluminismo.

Em sequência nossa atenção se debruçou sobre as elaborações de Hannah Arendt em “a condição humana”. No prólogo de seu livro descreve um evento “que em importância ultrapassa todos os outros, até mesmo a desintegração do átomo.” “Um objeto terrestre, feito pela mão do homem, foi lançado ao universo.” Cita que “uma reação imediata foi a de alívio, ante o primeiro passo para liberar o homem de sua prisão na terra.” “A banalidade da declaração não deve obscurecer o fato, pois embora os cristãos tenham chamado esta terra de “vale de lágrimas” e os filósofos, visto o próprio corpo do homem como prisão da mente e da alma, ninguém jamais havia concebido a terra como prisão para o corpo dos homens.”

“Deve a emancipação e a secularização da era moderna que teve início com um afastamento de um deus pai, terminar com um repúdio a uma terra que era mãe de todos os seres vivos?” “Recentemente a ciência vem se esforçando por tornar artificial a própria vida, por cortar o último laço que faz do homem um filho da natureza.” Assim a arrogância intelectual humana confere a cultura política um caráter que subjugava as outras organizações da vida como inferiores.

Compondo um contraponto à tendência apontada por Arendt, Edgar Morin em “o paradigma perdido”, investiga a odisseia da humanidade que passa por transformações no campo da identidade e sociabilidade quando “de repente, desmorona-se o antigo paradigma que opunha natureza e cultura. A evolução biológica e a evolução cultural são dois polos de desenvolvimento inter relacionados e interferentes do fenômeno total da hominização.” Que termina numa falta de acabamento definitiva, radical e criadora do homem. “O seu cérebro genial é débil sem o aparelho da cultura, todas as suas aptidões tem necessidade de serem alimentadas.” “A cultura vai passar simultaneamente a refinar e a atrofiar, a espalhar entre todos ou a limitar aos seus privilegiados.” “O novo paradigma exige uma reestruturação do saber.” Motivo pelo qual Morin debruça-se em construir uma série de materiais como “o método” que fortaleçam a formulação de uma “antropolítica” e empreende um projeto de reestruturação do sistema acadêmico francês que serve de exemplo aos outros países.

Pudemos perceber que o discurso político se transforma de diversas maneiras, possui a capacidade da reforma ou conduzir alterações dentro das normas legais. A possibilidade da revolução, ou romper com as normas definidas de forma radical impondo novas regras a serem seguidas; esta dupla característica é bem problematizada em Bobbio em “teoria geral da política”. Entretanto, existe outra forma, interessante para nós, de transformação cultural valorizada por Hakim Bey em “zonas autônomas temporárias”, que é a experimentação direta de pequenos grupos de indivíduos em diferentes formas de convivência. Sem necessidade da imposição ou aprovação social. A rebeldia pode estar associada a essas três formas de mudança política, pois alterações do modus operandi de qualquer organização é dificilmente vista com bons olhos, fora algumas exceções pertinentes.

CONCLUSÃO

A cultura política não é sustentável. Em mais de 40 anos de acordos ambientais globais, desde Estocolmo 1972, ignoram-se todos os alertas sobre os limites do desenvolvimento, passivos de poluição e degradação ambiental estão associados diretamente com o “sucesso da produtividade”, a verdadeira virtude capitalista. É um preço que os estados e as classes dominantes estão dispostos a fazer os cidadãos de segunda classe pagar. Um alto custo em nome do progresso econômico e tecnológico. O sucesso da divisão das riquezas ambientais não está para todos, apenas às minorias ricas, assim como a degradação que se concentra com os pobres.

“Há uma grande insuficiência da compreensão do desenvolvimento sustentável, na medida em que não questiona a realidade ou processo de construção da riqueza das nações.” (Ruscheinsky, 2010)

Com base no relatório Rio+20 do Itamaraty, o evento teve patrocínio de 30 parceiros entre eles a eletrobrás, a petrobrás, a vale e o sebrae como patrocínio oficial; a coca-cola Brasil, a michelin, a volks wagen, susano papel e celulose, como fornecedores oficiais. Um relacionamento entre governo e o setor privado que nos indica o nível de comprometimento e que tende a trabalhar o discurso ambiental sob os limites confortáveis às empresas.

Com isso o discurso ambiental pode tender a libertação sentido à autonomia pelo conhecimento, através de um impulso de rebeldia contra os processos hegemônicos. Enquanto este discurso, na grande maioria das instâncias público-privadas, passa raso na análise de problemas relevantes, como vemos a perda de radicalidade do movimento ambientalista em “práticas ambientais no Brasil” de Agripa ou pior confundindo dados e incutindo falsas percepções, como as indicadas em “o cinismo da reciclagem” de Philippe Layrargues. As ações ditas sustentáveis majoritariamente se concentram em questões simples e com lógica maniqueísta.

Entre 2013 e 2014 acompanhamos pessoalmente e pela mídia as manifestações por todo o mundo, Europa, Ásia, Américas, África, Oceania em movimentos “Ocupa”, em manifestações populares, que mostrou a demanda ou a necessidade de reorientação das prioridades públicas, dos direitos às minorias e do acesso aos bens naturais. Aí estava também representada a reivindicação por uma lógica ambientalista que reconheça o indivíduo como parte integral do ambiente.

Hoje as juventudes apresentam respostas alternativas ecológicas ao se inserirem no mercado e na esfera pública, novas integrações com o meio são apontadas e que eventualmente se posicionam de forma rebelde.

Participamos de encontros do grupo “alternative learning” que propõe uma rede de novas “des-estruturas” do conhecimento pelo livre aprendizado, assim como acompanhamos a elaboração do documento produzido de forma colaborativa através de redes sociais por participantes do movimento “românticos conspiradores”, juntos com educadores atuantes nas diversas redes de ensino e de cidadãos que assumem a sua responsabilidade pela qualidade da educação, formatando o “Manifesto pela Educação Brasileira - Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País!”.

Acompanhamos também a rede REEVO de “educação para a vida” que tem origem no movimento da “educação proibida” originada na argentina, com bases anarquistas e espirituais, tem crescido massivamente pelo mundo com proposta de uma ressignificação do conhecimento. Entre outros projetos sociais que definem novas abordagens transdisciplinares e interdisciplinares respectivamente como o “projeto ecomagente” na comunidade da Grota do Surucucu em Niterói e o “projeto águas limpas” para despoluição da Baía de Guanabara patrocinado pela concessionária águas de Niterói, que procuram construir espaços de empoderamento e fortalecimento das identidades nas comunidades onde atuam.

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

As formas da “práxis universitária”, ou seja, a virtude do conhecimento em excelência são complexas e seus discursos se colocam como um desafio às novas gerações rumo à concepção de um novo mundo com características a serem ainda impressas pelos diferentes movimentos das juventudes.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. O que é Justiça ambiental. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2009.
- ARENDT, Hannah. A Condição humana. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2007.
- BELL, David. A Cultura da Sustentabilidade, in KRISCHKE, P. (Org.) Ecologia, Juventude e Cultura Política, Florianópolis:EDUFSC, 2000.
- BEY, Hakim. Zonas Autônomas. Porto Alegre: Deriva 2010.
- BIAGGIO A. Introdução à teoria de julgamento moral de Kohlberg. In Nunes MLT (org.). Moral & TV. Porto Alegre: Evangraf. 1998.
- Bobbio Norberto. Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos. – Rio de Janeiro, Ed. Elsevier, 2000.
- ECOMAGENTE GROTA, Disponível em: <http://ecomagentegrota.blogspot.com.br/>. Consultado em 05/2014.
- FARIA, Agripa. Práticas Ambientais no Brasil definições e trajetórias. Santa Catarina: Editora Edifurb, 2000.
- GORZ, André. Ecológica. São Paulo: Ed. Annablume, 2010.
- ILLICH, Ivan. Sociedade Sem Escolas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1970.
- LAYRARGUES, P. P. A questão ambiental também é uma questão política. Brasília: MEC, 2004 (Documento de Pesquisa).
- LAYRARGUES, Philippe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs.) Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.
- MANIFESTO PELA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/profiles/blogs/iii-manifesto-pela-educa-o-brasileira-mudar-a-escola-melhorar-a>, Acessado em 05/2014.
- MARCUSE, H. A noção de Progresso à luz da psicanálise. In: Cultura & Psicanálise: Ed. Paz & Terra / Coleção leitura 2001.
- MARCUSE, H. Perspectivas do Socialismo na sociedade Civil Avançada. In.: A grande recusa hoje/ editora vozes, Petrópolis 1999.
- MORIN, Edgar. O paradigma perdido – A natureza Humana – Ed Europa América 1973 5ª Edição.Referências.
- PROJETO ÁGUAS LIMPAS, Disponível em: <http://projetoaguaslimpas.blogspot.com.br/>. Consultado em 05/2014
- PROUDHON, Pierre Joseph. A Propriedade é um Roubo e outros escritos anarquistas. Porto Alegre: L&PM POKET, 2011.
- REEVO, Red de Educación Viva. Disponível em: <http://www.reevo.org/pt-br/>. Acessado em 05/2014.
- VIEIRA, Luiz Vicente. A Democracia em Rousseau: a recusa dos pressupostos liberais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.